



A Terceirização da Educação Emocional: Uma Leitura Crítica a partir de "A Casa dos Móveis que Falavam", de Ernesto Moamba

Josefa Cuna

Vivemos uma era em que a tecnologia, inicialmente, concebida como ferramenta de apoio e facilitação da vida humana, tornou-se mediadora das relações humanas e detentora do processo de aprendizagem. No campo da infância, o advento das novas tecnologias manifesta-se de forma ainda mais preocupante: a terceirização da educação emocional para os meios digitais.

Desenhos animados, filmes, aplicativos e redes sociais, passaram a ditar comportamentos, valores morais, e a forma como o ser humano deve olhar para o mundo, subtraindo, assim, o papel da família e dos contos narrativos tradicionais na formação da moral da criança.

E é neste contexto que a obra "A Casa dos Móveis que Falavam", de Ernesto Moamba, se revela um convite à reflexão. Através de um conto simples, mas cheio de significado, o autor resgata temas universais como autoconhecimento, autoaceitação, posicionamento e pertencimento, oferecendo uma alternativa humanizadora ao cenário actual.

Desde os primórdios, as histórias contadas de geração em geração, por vezes à volta da fogueira, construíram um espaço de transmissão de valores morais. Nos contos populares como por exemplo : "o coelho e a gazela", "o cagado e o coelho" , " a serpente e o urubu" a criança aprendia o valor da honestidade, da verdade e da empatia, acima de tudo a conquistar o seu espaço sem trapaceio, apelando sempre pela justiça.

Moamba, ao recuperar esse espírito, coloca os móveis como metáforas da memória e da consciência – cada objecto fala e ensina. Nesse diálogo simbólico, a casa transforma-se num microcosmo da alma infantil, onde cada móvel guarda um ensinamento sobre autoaceitação e o valor do outro.

A educação moral através das telas: riscos e perdas

A educação emocional terceirizada, ou seja, transferida para os meios digitais através de algoritmos, compromete a construção da identidade e a estabilidade afectiva da criança. Pesquisadores e estudiosos da psicologia infantil têm alertado para os riscos dessa prática. Henri Wallon (1879–1962), psicólogo francês, enfatizava que a afectividade desempenha um papel central no desenvolvimento da personalidade e na aprendizagem das crianças; a ausência de interacções afectivas reais pode prejudicar a formação emocional e a consciência de si mesmo (Wallon, 1996).

Estudos contemporâneos sobre o impacto das tecnologias digitais reforçam essa ideia. Pesquisas indicam que crianças expostas de forma precoce a conteúdos mediados por algoritmos ou influenciadores digitais podem ter a sua percepção de valores morais e identidade distorcida, pois aprendem comportamentos e normas sociais de fontes artificiais, e não de experiências humanas directas. Phablo Alves Vieira, por exemplo, ao analisar a presença de influenciadores infantis em plataformas digitais, destaca que a exposição precoce a conteúdos adultos pode interferir no desenvolvimento da identidade infantil e na construção de vínculos afectivos saudáveis (Vieira, 2022).

Dessa lógica decorre um fenómeno crescente: a erotização precoce, resultado directo da exposição contínua a conteúdos que confundem amor com desejo, afecto com aparência, pertença com visibilidade. Ao invés de desenvolver empatia, a criança é treinada para competir por atenção. Ao invés de aprender a gerir emoções, aprende a escondê-las sob filtros digitais. Ela deixa de existir como criança, e torna-se num alto infantil programado pela Inteligência Artificial.

Moamba propõe o inverso. Em "A Casa dos Móveis que Falavam", o autoconhecimento surge do encontro com o simples e o esquecido — o armário antigo, as botas esquecidas, a xícara que activa a memória dos outros para o ponto de virada. Essa simbologia devolve à infância o que a tecnologia tem retirado: a experiência do sentir, do refletir e do partilhar.

Entre a modernidade e a memória: reconstruir a infância perdida

Criticar a terceirização da educação emocional não quer dizer negar a importância dos meios digitais, mas reivindicar equilíbrio e presença humana.

Não se pode negar que os meios digitais têm tornado a vida humana mais flexível e dinâmica. O problema não está nas ferramentas, aliás, elas são extremamente úteis quando bem usadas, mas na

substituição que elas operam no meio familiar tem as empurrado para marginalização. Talvez não sejam as telas que sejam culpadas, mas os pais que não conseguem assumir o protagonismo de educadores dos seus próprios filhos.

O livro de Moamba, embora direccionado ao público infantojuvenil, dialoga, directamente, com os adultos: pais, educadores e comunicadores, chamando-os à responsabilidade. Os móveis que falam representam também a voz da tradição, da memória e da consciência colectiva. É um grito silencioso contra a superficialidade e uma convocatória reconstrução de vínculos verdadeiros.

Em tempos de algoritmos, "A Casa dos Móveis que Falavam" lembra que a alma humana ainda precisa de histórias, não de notificações. Que a educação emocional é feita na presença, no "olho no olho", no toque e na escuta.

Considerações Finais

A literatura do livro de Ernesto Moamba reabre o espaço da reflexão num contexto em que a infância parece sequestrada pela pressa e pela exposição. Ao trazer temas como autoaceitação e pertencimento, o autor contribui para restaurar o que poderia ser chamado de “ecologia emocional da infância”: um ambiente em que sentir, errar e aprender sejam partes naturais do crescimento.

A terceirização da educação emocional para o digital é antes de tudo, um espelho da ausência dos adultos. Reencontrar a voz dos móveis é reencontrar também a nossa própria voz - aquela que ensina, consola e orienta. Como em toda boa história, o desafio é lembrar que a educação é um acto de amor e presença, e que nenhuma tela poderá substituir o calor de uma fogueira onde as histórias são partilhadas e as almas, curadas.

Revisão Bibliográficas

- Wallon, H. (1996). A evolução psicossocial da criança. São Paulo: Ática. Obra clássica sobre a importância da afetividade no desenvolvimento infantil.
- Vieira, P. A. (2022). A adultização infantil e a forte presença de influenciadores mirins em plataformas digitais sociais: um caso no Instagram. Monografia de graduação. Universidade [nome da instituição]. Analisa os impactos da exposição precoce às mídias digitais no desenvolvimento da identidade infantil.

Autora

Josefa Cuna

É comunicadora, escritora e criadora de conteúdos académicos, com actuação voltada para temas de educação, desenvolvimento social e inclusão. Possui formação em Comunicação, Educação Infantil, Apresentação Televisiva e Gestão Baseada no Género e Inclusão, o que fundamenta a sua abordagem crítica e reflexiva sobre os desafios contemporâneos da sociedade, especialmente, nas áreas educacional e social.

Dedica-se à produção de ensaios e demais artigos literários, explorando questões ligadas à formação humana, igualdade de oportunidades e desenvolvimento comunitário.

Como comunicadora, tem participado na criação e narração de conteúdos para media, projectos educativos e iniciativas de sensibilização social, utilizando a palavra como instrumento de formação de consciência e fortalecimento do pensamento crítico.

E-mail josefa.cuna2021@gmail.com

Maputo - Moçambique